



Entre Antonio Gramsci & Plínio Salgado: estudo sobre o papel do intelectual e líder integralista Plínio Salgado por uma perspectiva Gramsciana

GUSTAVO TIENGO PONTES*

O objetivo deste texto é explorar o uso do conceito Intelectual proposto por Antonio Gramsci¹ para analisar o papel do intelectual Plínio Salgado² na Ação Integralista Brasileira (AIB). Tendo em vista as potencialidades e limites deste conceito, este texto busca explicitar um exercício de análise do mesmo como ferramenta analítica. Este texto inicia com uma breve apresentação do movimento integralista e momento de sua emergência. Posteriormente será analisado o conceito Intelectual, que está articulado com outros conceitos do mesmo pensador, e explorado os seus potenciais para o objeto da pesquisa em questão. Não se pretende neste texto a fixação de um método de pesquisa a partir das considerações de Gramsci, mas sim reconhecer a riqueza de suas ideias e contribuições para o estudo em história. Ao final, serão discutidas as principais dificuldades e potencialidades da mobilização deste conceito.

A AIB foi um movimento autoritário de direita que emergiu na década de 1930 em São Paulo e rapidamente se expandiu por todo o Brasil. O movimento pregava a centralização política num Estado forte com plenos poderes e possuía como lema “Deus, Pátria e Família”. Rosa Maria Feiteiro Cavalari destaca que o Integralismo afirmava-se como um movimento de cultura cujo fim era a elevação cultural das massas (CAVALARI, 1999:41-43). Plínio Salgado afirmou que a AIB atua num sentido Revolucionário que deve se processar em dois planos simultaneamente, o espiritual mediato e cultural imediato. No plano espiritual, o objetivo é a educação individual e das massas para se elevar as médias das virtudes morais e cívicas do povo brasileiro. Isto levará muitos anos de doutrinação, de educação constante da massa e esforço individual de cada um. No plano cultural imediato há o objetivo de transformação

*Mestrando em Educação pela UDESC na linha História e Historiografia da Educação, orientadora Maria Teresa Santos Cunha. Graduado em História (UFSC/2014). Bolsista do Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP) pela UDESC. E-mail: gustavopontes@gmail.com

¹ Antonio Gramsci (1891-1937) nasceu na Itália e ao longo de sua breve vida dedicou-se ativamente à política e ao jornalismo, tendo sido líder do Partido Comunista da Itália dentre outras atividades. Entre suas principais obras estão os “Cadernos do Cárcere”, uma série de cadernos escritos quando preso durante a ascensão de Mussolini na Itália.

² Plínio Salgado (1895-1975) nasceu na cidade de São Bento de Sapucaí (São Paulo). Possui formação em direito e em sua trajetória exerceu diversas atividades: foi professor, jornalista, escritor, funções no meio político dentre outras.

imediate do Estado, pois, há a necessidade de assumir uma nova atitude em face dos problemas (SALGADO, 1935:14-16)³.

A emergência do movimento integralista ocorreu num período de transformações da sociedade brasileira durante a primeira república. Dentre algumas das mutações estão: o esforço de intelectuais engajados na tarefa de encontrar a identidade nacional (VELLOSO, 1993:20-21); o medo de agitações operárias e a defesa de um Estado forte como alternativa ao precário sistema liberal da Primeira República (BERTONHA, 2011:112-115); um rápido processo de urbanização em torno das grandes cidades e a formação de um proletariado urbano (TRINDADE, 1979:7-12); a organização nacional figurando neste momento como um tema obrigatório no debate intelectual (VELLOSO, 1993:90); o centenário da independência (1922) que engendrou um balanço dos cem anos livres da nação, vista com seu atraso e marcada por descontentamento (LEMOS, 2010:84-85) etc.. Além disso, 1930 a 1937 pode ser visto como um período de indefinições que favoreceu o surgimento de projetos radicais e mobilizadores que tentaram galvanizar a sociedade com a ideia de mudança, dentre eles a Ação Integralista Brasileira (MAIO; CYTRYNOWICS, 2007:41).

Já foi dito que a principal ferramenta de nossa pesquisa é o conceito de Intelectual elaborado por Antonio Gramsci. De acordo com Carlos Nelson Coutinho, os textos e obras de Gramsci desde o final dos anos 1960 vêm despertando o interesse de estudiosos brasileiros. O autor é o italiano hoje mais lido e traduzido em todo o mundo e pode ser considerado um dos estrangeiros mais influentes no pensamento social brasileiro (COUTINHO, 2011:13). Tendo em vista que o intuito deste texto é refletir sobre as potencialidades do conceito de Intelectual elaborado por este pensador italiano, é necessário ter claro qual o papel dos escritos de Gramsci e sua formação, pois, suas ideias não devem ser separadas de sua atuação política.

Segundo Eric J. Hobsbawm, ao longo de sua obra, a maior contribuição de Gramsci consistiu em criar uma teoria marxista da política. Este autor percebeu com grande clareza a importância da política como dimensão especial da sociedade que envolve mais do que o poder. Gramsci considera a política como uma ‘atividade autônoma’, dentro do contexto e dos limites definidos pelo desenvolvimento histórico. Para ele, esta atividade não é só a essência da estratégia para se chegar ao socialismo, mas do próprio socialismo (HOBSBAWM,

³ Neste mesmo trecho do livro, P. Salgado cita Alberto Torres (1865-1917) sobre a nova atitude em face dos problemas brasileiros. Torres exerceu inúmeros cargos públicos: foi Ministro do Supremo Tribunal Federal, Ministro do Interior e, entre 1896-1900 presidente do Rio de Janeiro. Este autor é redescoberto pela geração intelectual e política dos anos 30 e foi um dos autores mais admirados pelos integralistas, de acordo com Héglio Trindade (TRINDADE, 1979:20-21).

2011:285-301). No caso do papel dos intelectuais para a chegada do socialismo, José Luís Bendicho Beired ressalta que o interesse de Gramsci reside no fato de que os intelectuais deveriam formar o núcleo dirigente fundamental do partido e dos aparelhos da sociedade civil que lutariam pela conquista do socialismo. Eles seriam representantes das classes subalternas, assim, a eles cabia o papel de serem os principais dirigentes da transformação global da sociedade (BEIRED, 1998:128).

As considerações de Gramsci devem ser lidas tendo em vista esta perspectiva e desejo de modificar a realidade. A ênfase de seu estudo na atividade política pode ser mais bem compreendida reconhecendo a sua trajetória política. De acordo com Coutinho, pode-se dizer que a principal questão de Gramsci em seus Cadernos do Cárcere é explicar por que, apesar de uma aguda crise econômica na Itália e em boa parte da Europa dos anos 20, não foi possível repetir a vitoriosa experiência dos bolcheviques da Rússia. Os anos de 1917 (ano da Revolução Russa) a 1926 (ano da prisão de Gramsci) foram uma grande e traumática experiência vivida pelo pensador: a do fracasso da revolução socialista no ocidente. Com base em um antieconomicismo determinista que confiava apenas no amadurecimento espontâneo das condições objetivas, Gramsci frisa sempre o papel da ação humana em face das “determinações”, assim, já jovem atribuía grande importância à batalha das ideias e a criação das condições subjetivas da ação revolucionária (COUTINHO, 2011).

Conforme Coutinho assevera, Gramsci escreve num momento em que já se generalizou uma maior complexidade do fenômeno estatal. Há uma intensa socialização da política, assim, até mesmo a direita precisa se apoiar em movimentos políticos de massa. Neste período, Gramsci elabora os conceitos de “sociedade civil” e “sociedade política” como ampliação da teoria de Estado. A “sociedade política” envolve os mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da força; já a “sociedade civil” designa “o conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão das ideologias, compreendendo o sistema escolar, os parlamentos, as Igrejas, os partidos políticos (...), os meios de comunicação, as instituições de caráter científico e artístico etc.”(COUTINHO, 2011:24-25). Gramsci aponta também que a “sociedade civil” é uma parte do Estado, uma decisiva arena da luta classes, na qual os diferentes grupos sociais lutam para conservar ou conquistar a Hegemonia. Esta é uma nova esfera do ser social que surge com os processos de socialização da política (COUTINHO, 2011:25).

A luta por Hegemonia, entendida por Gramsci como “direção político-ideológica fundada no consenso, enquanto diversa (mas complementar) da dominação fundada na coerção”(COUTINHO, 2011:19) é uma inovação crucial em seu pensamento, Hobsbawm ressalta: “Isso porque o problema básico da revolução consiste em tornar capaz de Hegemonia uma classe até então subalterna, levando-a a acreditar em si mesma como uma possível classe dominante a ser vista assim pelas demais classes” (HOBSBAWM, 2011:294).

Nas palavras de A. Gramsci:

Meu estudo sobre os intelectuais é um vasto projeto [...] eu amplio bastante a noção de intelectuais além do sentido corrente do termo, que designa principalmente grandes intelectuais. Esse estudo leva-me também a certas determinações do Estado. Em geral, o Estado é compreendido como uma sociedade política (isto é, a ditadura como aparelho coercitivo para fazer as massas populares atuarem em conformidade com o tipo de produção e economia de um determinado momento) e não como um equilíbrio entre a sociedade política e a sociedade civil (isto é, a Hegemonia de um grupo social sobre toda a sociedade nacional, exercida por meio das chamadas organizações privadas, como a Igreja, os sindicatos, as escolas etc.) A sociedade civil é precisamente o campo de ação especial dos intelectuais (GRAMSCI, 1936:481⁴ apud HOBSBAWM, 2011:292).

Para Gramsci todos os homens são intelectuais, no entanto, nem todos desempenham na sociedade a função de intelectuais⁵. Além disso, existem graus diversos de atividade específica intelectual (GRAMSCI, 1982:7-8). O pensador italiano sintetiza:

Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1982:7-8).

José L. B. Beired aponta que, para Gramsci, o intelectual é uma figura que pode agir tanto para a transformação da sociedade quanto para a sua reprodução. Há uma grande importância dada por este pensador para a chamada “superestrutura” no processo histórico, assim, Gramsci valorizou a análise dos agentes sociais que exercem atividades de natureza

⁴ GRAMSCI, A. **Lettere del carcere**. Turim, 1936. p.481.

⁵ “Estabelecido o princípio de que todos os homens são ‘filósofos’, isto é, que entre os filósofos profissionais ou ‘técnicos’ e os demais homens não existe diferença ‘qualitativa’, mas apenas ‘quantitativa’ (e, neste caso, ‘quantidade’ tem um significado bastante particular, que não pode ser confundido com soma aritmética, porque indica maior ou menor ‘homogeneidade’, ‘coerência’, ‘logicidade’ etc., isto é, quantidade de elementos qualitativos), deve-se ver, todavia, em que consiste propriamente esta diferença. Assim, não será exato chamar de ‘filosofia’ qualquer tendência de pensamento, qualquer orientação geral etc., nem mesmo qualquer ‘concepção do mundo e da vida’”. (GRAMSCI, s/ano:410-411 In. COUTINHO, 2011:145).

intelectual, ele ressalta que o intelectual se define pela capacidade de organizar os homens e o mundo em redor de si (BEIRED, 1998).

Com relação a Plínio Salgado, sabe-se que exerceu ativamente a função de intelectual ao longo de sua trajetória, pois, além da sua participação no movimento modernista⁶, o mesmo em 1932, com o lançamento do documento “Manifesto de Outubro”, fundou a Ação Integralista Brasileira. Movimento que iria liderar até seu fechamento em 1937 com o Golpe de 37 quando todos os partidos foram proscritos⁷. Tendo em vista à problematização de Gramsci para se atentar ao grau de atuação dos intelectuais, é importante salientar que, dentro da estrutura da AIB, Salgado seria responsável pela matriz do pensamento integralista cujas ideias deram o tom das reflexões secundárias dos outros autores, conforme elucida Giovanni Noceti Viana (VIANA, 2008:21). Ou seja, sua posição estava hierarquicamente acima de todos os outros membros do partido.

Hélgio Trindade expõe que segundo o princípio geral da organização do movimento, todo poder emana do Chefe e só em seu nome será exercido. O Chefe detém o poder de nomear exclusivamente os secretários dos departamentos nacionais, chefes provinciais etc. Os órgãos existem a fim de executarem funções delegadas pelo chefe e diretamente sob sua responsabilidade. Ao mesmo tempo, a organização desempenha o papel de uma armadura burocrática do Chefe contra o desafio das decisões cotidianas (TRINDADE, 1979:164-171). Neste caso, o grau da atividade intelectual é compreendido na estrutura do movimento integralista, este movimento possui uma estrutura partidária que ressalta a hierarquização e reforça o papel de Salgado como principal membro do partido.

Gramsci expõe que a percepção do que é atividade intelectual deve ser relacionada com o conjunto do sistema de relações nas quais estas atividades se encontram. Nas palavras do autor:

O erro metodológico mais difundido, ao que me parece, consiste em se ter buscado este critério de distinção [da aceção de intelectual] no que é instrínseco às atividades intelectuais, ao invés de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no

⁶ Plínio Salgado fará parte de um grupo modernista chamado Verde-Amarelo, junto de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido Motta Filho.

⁷ Para continuar na legalidade na nova conjuntura estadonovista, a AIB organizou-se como uma sociedade civil que teve a denominação de Associação Brasileira de Cultura (ABC). A presidência coube a Plínio Salgado. Até maio de 1938 a ABC atuou como campanha doutrinária, após este período, a tática educativa foi substituída pela violência para a tomada do poder. Ainda em maio, um grupo de integralistas realizaram um atentado a Vargas no Palácio Guanabara, o ataque foi dominado e resultou numa intensa campanha contra o Integralismo, com prisão e exílio de seus líderes.

qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram, no conjunto geral das relações sociais (GRAMSCI, 1982:6-7).

Sobre este ponto, é importante destacar que ao longo da primeira república ocorrem mudanças no campo intelectual brasileiro. De acordo com Sérgio Miceli, neste momento ocorrem: a constituição de um mercado de bens simbólicos dotado de maior autonomia; a constituição de um campo intelectual relativamente autônomo; desenvolvimento das condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual; a atuação dos intelectuais que, apesar de ainda depender do capital de relações sociais, passa cada vez mais a sofrer mediação de trunfos escolares e culturais; surgimento da categoria de jornalistas profissionais, aparecimento de novos jornais, inovações técnicas; sobre ofício do jornalismo no início do século XX tornar-se compatível ao status de escritor dentre outras modificações (MICELI, 2001).

Plínio Salgado esteve próximo das atividades jornalísticas, literárias e da atuação política ao longo de sua trajetória. A compreensão deste conjunto geral de suas relações sociais é necessária para analisar suas práticas. Sua participação na política inicia-se na 1ª República em âmbito regional, atuando no Partido Republicano Paulista (P.R.P), onde também foi redator do órgão oficial deste partido (TRINDADE, 1979:35-38). Ao longo de sua trajetória também participou do movimento modernista, o mesmo fez parte do grupo Verde-Amarelo na qual, inspirado na teoria dos dois Brasis, o legal (litoral) e o real (interior), identificará o interior com a brasilidade e autenticidade, em contraposição com o litoral, visto como cosmopolita e artificial, conforme expõe Mônica Pimenta Velloso (VELLOSO, 2010:92-98). Depois de ter participado de uma tentativa frustrada de renovação do P.R.P. e após a vitória do movimento 30, Salgado optou por um novo engajamento ideológico, também sob o impacto da experiência modernista. Após uma viagem à Europa, na qual conheceu a experiência Fascista, Salgado dedicou-se ao jornalismo político (TRINDADE, 1979). Em 1931 tornou-se principal redator do jornal paulista “A Razão”, Rodrigo Santos de Oliveira afirma que Plínio Salgado usou “A Razão” para difundir suas ideias e que através deste periódico que ele estabelece contato com os primeiros adeptos que o auxiliarão a criar a Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.) e lançar o “Manifesto de Outubro”, que oficializa a AIB (OLIVEIRA, 2009:106).

A luta por Hegemonia foi operada pelos camisas-verdes através de uma série de mecanismos capazes de difundir a sua doutrina tanto para os militantes quanto para os não

membros do movimento. Havia a busca de atuação dos integralistas nos mais distintos espaços da sociedade civil, pois, além da publicação sistemática e radical de uma série de periódicos – jornais e revistas - e livros havia a proposta de vinculação da doutrina com o maior número de aspectos da vida do militante, com base também nos rituais e toda simbologia do partido⁸. As categorias “Sociedade Civil” e “Hegemonia” podem auxiliar na compreensão destas ações integralistas, pois, o uso destas ressaltam os conflitos deste campo político e a necessidade de se compreender outros movimentos políticos do mesmo momento. O líder Plínio Salgado expõe como ocorre esta pretensão de chegar ao poder dos integralistas, uma “conquista gradual, firme, alicerçada, sem pressa, da consciencia do povo brasileiro, de modo que, um dia este se manifeste livremente” (SALGADO, 1935:186). Ele sintetiza esta maneira, meticulosamente planejada, de “conquistar consciências”:

Que processo usa o Integralismo para expor a sua doutrina? Dos processos adequados a cada degrau de capacidades intelectuais. Para os mais cultos, publica livros, tendo já lançado mais de 50 volumes contendo a filosofia, o fundamento jurídico, as bases econômicas e o esquema da estrutura política. Para os menos cultos, folhetos, boletins, artigos de jornal, pois temos já mais de 100 pequenos semanários modestos, em todo o Brasil, disseminando a nossa doutrina. E, finalmente, para os analfabetos, usamos da conversação, dirigindo-nos diretamente ao seu coração e ao seu entendimento (SALGADO, 1935:186).

Pode-se observar a batalha por hegemonia nestes dois níveis distintos, aquela que ocorre na esfera pública e a outra na estrutura do partido, as duas estão relacionadas. Importante assinalar que havia certas divergências no que tange algumas temáticas abordadas pelos intelectuais do partido. Conforme Rodrigo S. de Oliveira defende, a divulgação da doutrina do partido através dos periódicos tinha o papel de garantir uma unidade ideológica do movimento, pois, qualquer discordância de cunho ideológico ou doutrinário poderia colocar em risco a própria existência do grupo. Uma das principais faces da imprensa camisa-verde era a contensão de dissensões internas: as divergências ideológicas e de pensamento eram suprimidas (OLIVEIRA, 2009:216). Com relação à hegemonia na estrutura do partido, um caso digno de nota ocorreu entre Plínio Salgado e o intelectual Gustavo Barroso. Barroso é notadamente conhecido como “senão o maior, ao menos um dos mais importantes ideólogos do antissemitismo no Brasil” (BERTONHA, 2014:233). Tendo em vista que o antissemitismo

⁸ Segundo Cavalari, a imprensa integralista fazia parte de uma rede maior para doutrinar, arremeter novos adeptos, conseguir unificação e consolidação do partido. Além da palavra impressa, a AIB utilizava-se do livro e da palavra falada, por meio das sessões doutrinárias e do rádio e pela ritualização e simbologia. (CAVALARI, 1999:33).

era uma ideia debatida e defendida pelos integralistas que também envolvia um grau de adesão diferenciado pelos intelectuais do movimento, João Fábio Bertonha expõe que Gustavo Barroso era o principal defensor desta temática e que houve casos em que Plínio Salgado chegou a se manifestar contra os “excessos antisemitas de Barroso e entrou em polêmicas jornalísticas com esse dentro do próprio movimento. Também [o] impediu de publicar no [periódico integralista] *A Offensiva* por seis meses, em 1936, porque seus textos antisemitas atrapalhavam seu contato com os empresários judeus” (BERTONHA, 2014:237). A categoria de Hegemonia proposta por Gramsci pode ser explorada neste caso, pois, conforme Bertonha assevera, é um fato que o antissemitismo, em algum nível, era usado como arma de Barroso para a conquista de espaço dentro do movimento (BERTONHA, 2014:237). A categoria Hegemonia torna-se muito elucidativa para analisar esta disputa entre os dois intelectuais, pois, o uso desta categoria pode evidenciar os conflitos de um partido cujo projeto defendido era de uma Pátria una, coesa, isto é, integral. A batalha por hegemonia dentre estes dois intelectuais, Salgado e Barroso, sublinham preocupações e perspectivas distintas para o papel do movimento integralista na transformação do Brasil e permitem ao pesquisador observar uma compreensão melhor da organização do partido.

A. Gramsci, em suas análises, proferiu grande ênfase sobre o processo de formação dos intelectuais, ele afirma: “a elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas de acordo com processos históricos tradicionais muito concretos” (GRAMSCI, 1982:10). Sobre este processo de formação, Gramsci questiona o quão autônomo é o grupo dos intelectuais e se cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais. O autor expõe duas formas mais importantes do processo de formação das diversas categorias de intelectuais, a primeira:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político. (...) Pode-se observar que os intelectuais ‘orgânicos’, que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, na maioria dos casos, ‘especializações’ de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz (GRAMSCI in. COUTINHO, 2011:203).

Na segunda forma, Gramsci destaca que todo grupo social “essencial” emergiu na história a partir de uma estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento da mesma. Este grupo encontrou categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam

como “representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas” (GRAMSCI in. COUTINHO, 2011:204). O autor também aponta que a relação entre intelectuais e o mundo da produção não é imediata, ela é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o contexto social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são funcionários (GRAMSCI, 1982:10). Além disso, Gramsci expõe a possibilidade de se medir a ‘organicidade’ dos diversos estratos intelectuais: “Sua mais ou menos estreita conexão com um grupo social fundamental, fixando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para cima)” (GRAMSCI, 1982:10-11). Pode-se observar a importância reconhecida sobre a dialética da formação dos intelectuais, pois, há necessidade de refletir sobre a formação dos mesmos em conexão com a sociedade em geral em mudança e a interação da emergência destes intelectuais com uma estrutura já presente. Coutinho ressalta a importância de ter clara as distinções entre “grande intelectual”, o que cria novas concepções do mundo, e os demais intelectuais – que difundem tais concepções -, os “intelectuais orgânicos”, gerados diretamente por uma classe que e servem para lhe dar consciência e promover sua hegemonia, e “intelectuais tradicionais”, vinculados a instituições que o capitalismo herda de formações sociais anteriores (COUTINHO, 2011:30).

Questionar o processo de formação dos intelectuais da AIB e sua relação com o mundo da produção é necessário, porém, engendra dificuldades que somente análises de casos conseguem situar as especificidades da AIB nos mais diversos estados e regiões que este movimento se desenvolveu. Já foi exposto sobre a formação de Plínio Salgado, a partir de agora debater-se-á sobre quem eram os militantes do movimento a fim de explorar as potencialidades que a concepção de “intelectual orgânico” oferece para o caso dos principais membros da AIB e Plínio Salgado. Antes disso, importante ressaltar a crise de hegemonia dos anos 30 no Brasil. De acordo com Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro com a “Revolução de 30”:

os grupos hegemônicos que mantiveram seus interesses na pauta governamental durante a chamada República Velha perderam seus postos vitimados pela capacidade de dar respostas à sociedade brasileira em tempos de crises econômicas e sociais que insistiam em abalar as fronteiras mundiais (CARNEIRO, 2012:168).

No entanto, o movimento de 30 não significou a realização de projetos de nenhum setor específico da sociedade brasileira. Eram tempos de se buscar alternativas, assim, foi-se aberta,

com a chegada ao poder de novos grupos sociais e econômicos que não haviam consolidado um projeto único de governo, uma crise de hegemonia (CARNEIRO, 2012:168).

Com relação a adesão à AIB, Hégio Trindade expõe que o conjunto da estrutura social da AIB pode ser sintetizado por uma pirâmide com três camadas conforme o grau de participação: nacional, regional ou local. Na camada superior – constituída pelos dirigentes nacionais – estão exclusivamente membros da burguesia e média burguesia, sob a supremacia das elites intelectuais. A camada média, dos dirigentes regionais, ainda encontra-se sob a preponderância da média burguesia intelectual que, “com a burguesia e média burguesia dos oficiais, ocupa quase os três quartos dos postos de direção. A participação neste nível de integralistas oriundas da pequena burguesia e das camadas populares não ultrapassa a um quarto do total” (TRINDADE, 1979:137). Na camada inferior, a pequena burguesia e as camadas populares formam globalmente os três quartos totais dos militantes locais. É uma estratificação social análoga à estrutura paramilitar da organização da milícia, em que elites intelectuais detêm o ‘comando’ e as camadas médias e populares constituem a ‘tropa’ (TRINDADE, 1979:137). O autor considera como classe média no Brasil nestes anos 30 duas categorias sociais: “a média burguesia dos profissionais liberais e oficiais das Forças Armadas (*classe média superior*) e a pequena burguesia dos pequenos proprietários urbanos rurais e os burocratas do setor público/privado” (TRINDADE, 1979:131 grifos do autor). Trindade ressalta que era uma conjuntura em que as classes médias encontravam-se geralmente em rápida ascensão social e à procura de uma posição de poder na sociedade, e que sentiam-se ameaçada tanto pela crise econômica quanto pela perda de *status* ou pela agressividade das lutas operárias. “Neste contexto, as classes médias tendem a se engajar nos movimentos de direita ou de esquerda que parecem representar instrumentos políticos válidos e independentes do estabelecido” (TRINDADE, 1979:140). Outros dados relevantes sobre a adesão são a faixa etária dos membros, a maioria dos dirigentes/militantes locais tinha menos de 25 anos, e três quartos dos dirigentes nacionais/regionais tinham menos de 30 anos e a identificação entre filiação religiosa e adesão política: a quase totalidade dos militantes integralistas se proclamavam cristão (TRINDADE, 1979:129-153).

De acordo com Marilena Chauí (1978), o discurso do Integralismo destina-se à classe média urbana. Não somente são invocados valores tradicionalmente imputados a esta classe, mas também esta é convocada explicitamente, “e não somente para que venha cerrar fileiras na qualidade de militante, mas sim para que venha constituir-se como vanguarda política”

(CHAUÍ, 1978:53). Tal constatação além de implicar uma rede intrincada de dificuldades sobre o que é esta classe média, também auxilia a discernir o agente posto na cena política (CHAUÍ, 1978:54). Chauí destaca uma guinada autoritária nos anos 30, assim, houve forte difusão entre os círculos políticos de uma desmoralização crescente do parlamentarismo multipartidário “dentro de uma atmosfera de descrença no Estado liberal e suas instituições, e na democracia, que passou a ser reavaliada criticamente, procurando dar-se-lhe novo sentido e conteúdo” (CHAUÍ, 1978:64). Estas preocupações da época-unidade-nacional, “incorporações de novos setores sociais e modernização institucional levaram a maior parte dos ideólogos e políticos a concluírem que o autoritarismo seria o único regime harmonizado com o ‘Brasil real’”(SOUZA, 1976:65⁹ apud CHAUÍ, 1978:64). Assim:

Sob essa proposta ocultava-se a dificuldade do liberalismo para impedir a centralização do poder e a participação das massas no processo político, de sorte que a crise das elites liberais abria brecha para uma tendência claramente autoritária (...) e que identificava queda das oligarquias e centralização do poder, crítica do liberalismo e infabilidade da representação profissional como método de harmonização social (SOUZA, 1976:65 apud CHAUÍ, 1978:64).

Nesta conjuntura, Chauí ressalta que a arregimentação da classe média pela AIB torna-se irrelevante, pois, o autoritarismo foi a tônica dominante do período (CHAUÍ, 1978:64-65).

Levando em consideração estes dados e o conceito de intelectual orgânico elaborado por Gramsci, pode-se levantar algumas reflexões para o uso deste conceito. Primeiramente, é necessário afirmar o caráter classista do movimento integralista, pois, os principais membros (os principais teóricos) do partido faziam parte da classe média em ascensão. Na AIB pode ser visualizado um projeto de poder autoritário, disciplinador, hierarquizado, sem uma mudança drástica das condições de produção ou o combate das desigualdades sociais associado aos aspectos religiosos e espirituais da AIB que foi elaborado por setores da classe média do Brasil do período em questão.

Há o papel de intelectuais orgânicos dos principais membros da AIB, pois, estão vinculados com um projeto que vai ao encontro dos interesses de setores da classe média que também compõem seus quadros. A afirmação de que a elite dirigente da AIB atuou como intelectuais orgânicos em conexão com setores da classe média sugere, por consequência, a indagação de por que alguns setores deste grupo social aderiram a este movimento e outros

⁹ SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e Partidos Políticos no Brasil**. São Paulo: Alfa Omega, 1976. P.65.

não, pois, havia sempre outras escolhas de engajamento político, tanto à direita, esquerda ou a não participação que também deve ser vista como uma forma de ação política. Com efeito, a categoria intelectual orgânico auxilia-nos a compreender este projeto de tomada de poder dos integralistas e sua vinculação com um grupo específico, mas, sugere novas perguntas sobre o porquê de grupos desta mesma classe optaram por outra forma de engajamento.

Ao longo deste texto buscou-se mobilizar as categorias de Gramsci para analisar o papel do intelectual Plínio e sua inserção na AIB. O uso da categoria “Intelectual” proposto por Gramsci foi visto com outras categorias como “Hegemonia”, “Sociedade Civil” e “Sociedade Política”. Dentre as potencialidades destes conceitos, a compreensão da ação política dos intelectuais à luz de uma batalha por hegemonia operada na sociedade civil estimula a análise das ações integralistas, dentre seus diversos âmbitos, sob uma escala maior suas ações podem ser analisadas dentre aos outros grupos atuantes nesta luta. Nesta percepção da luta por hegemonia na esfera pública, as ações dos intelectuais integralistas com a publicação de textos, discursos, uso de símbolos etc. explicitam este projeto de divulgação da ideologia, busca por novos adeptos, isto é, ações direcionadas para um projeto de tornar hegemônico este movimento.

Evidenciou-se também que a busca por hegemonia ocorreu na estrutura do movimento e que esta categoria torna-se útil para “traduzir” certos debates pela direção do partido. Ao mesmo tempo que a categoria hegemonia estimula uma compreensão mais ampla da sociedade civil, o conceito de intelectual debatido por Gramsci sublinha questões centrais para um estudo de história sobre destes sujeitos pois, o papel e significado de intelectual é analisado levando em conta o conjunto das relações sociais e os diversos graus de atuação dos mesmos. No caso de Plínio Salgado, o grau de sua atuação deve ser visto tanto levando em consideração sua inserção na estrutura do partido quanto do âmbito da luta por hegemonia orquestrada na sociedade civil, isto é, a força da AIB deve ser ressaltada a fim de compreender este debate.

No caso da categoria “Intelectual Orgânico” foi demonstrado que esta auxilia a refletir sobre a formação dos mesmos e o qual o seu papel de transformação na sociedade. Dentre as dificuldades estão compreender o grau de organicidade dos intelectuais, como ocorre a interação de sua formação com a classe na qual este grupo está conectado e como lidar com as contradições presentes na sociedade. Apesar disso, há um caráter orgânico dentre os intelectuais integralistas, pois, além de fazerem parte de setores da classe média, seu discurso

encontrou nesta classe os membros para compor os principais quadros dos pensadores e líderes do movimento. De qualquer forma, esta categoria possui potencialidades mas engendra novas questões sobre a participação destes sujeitos a fim de descobrir melhor as contradições e especificidades de suas atuações, tais como: qual o papel da distinção social na participação intelectual; o quanto as afinidades sociais ou o capital social¹⁰ podem ser mobilizados para compreender a participação em um movimento. Importante mencionar que há outras questões elaboradas pelo pensador italiano capazes de estimular ainda mais este debate, dentre elas, por exemplo, as suas considerações sobre os partidos políticos que forneceriam subsídios para novas análises e interpretações.

Referências Bibliográficas:

BEIRED, José Luís Bendicho. A função social dos intelectuais. In. AGGIO, Alberto (org.). **Gramsci. A vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, P.121-132.

BERTONHA, João Fábio. **A primeira guerra mundial: o conflito que mudou o mundo (1914-1918)**. Maringá: Eduem, 2011.

BERTONHA, João Fábio. Além das palavras e do discurso: questões metodológicas para o estudo do antissemitismo integralista. In. SCHURSTER, Karl et. al. (orgs.). **Velhas e novas direitas: a atualidade de uma polêmica**. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco, 2014. P.233-242.

BOURDIEU, Pierre. O capital social. In. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.65-70

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Pensamento Integralista: aportes e suportes para um movimento de direita. In. CRUZ, Natalia dos Reis (org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p.163-188.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSC, 1999

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In. ____; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Centro de Estudos Contemporâneos, 1978. P.19-150.

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In, _____. (org.). **O leitor de Gramsci. :escritos escolhidos 1916-1935**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.13-40.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro RJ: Civilização Brasileira S. A., 1982.

¹⁰ Sobre o conceito de Capital Social cf. BOURDIEU, Pierre. O capital social. In. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.65-70.

HOBBSBAWM, Eric. GRAMSCI. In._____. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P.285-301.

LEMOS, Clarice Caldini. **Os Bastiões da Nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elycio de Carvalho**. Dissertação (mestrado em história). PPGH UFSC. Florianópolis SC, 2010.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICS, Roney. **Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)**. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre RS, março de 2009.

SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. Schmidt editor. 1935. 2ª Edição.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.89-90.

_____. **História e Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade. Um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em história, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.